

## **A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica**

**Marcelo José Derzi Moraes<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Este trabalho pretende apontar a filosofia ubuntu e o quilombo como heranças africanas que se reproduziram no Brasil pela força da ancestralidade. Compreendendo a ancestralidade como um conceito filosófico, entendemos que a herança ubuntu, em nosso modo de ser e existir em práticas e modos sociais, culturais e políticos, como no caso dos quilombos, só foi possível devido à complexidade e à potência da ancestralidade enquanto conceito que carrega, em sua estrutura, uma ideia de repetição e de espectralidade, a saber, características de se repetir no futuro, sendo sempre presente, mesmo quando não se efetiva por completo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia; Ancestralidade; Ubuntu; Quilombo.

Fogo!... Queimaram Palmares,  
Nasceu Canudos.  
Fogo!... Queimaram Canudos,  
Fogo!... Queimaram Caldeirões,  
Nasceu Pau de Colher...  
E nasceram, e nascerão tantas  
outras comunidades que os vão  
cansar se continuarem queimando  
Porque mesmo que queimem a  
escrita, não queimarão a  
oralidade.  
Mesmo que queimem os  
símbolos, não queimarão os  
significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
não queimarão a ancestralidade.  
*Nego Bispo*

### **INTRODUÇÃO**

Começamos esse texto com um poema do quilombola Nego Bispo para fazer valer uma lei que parte desde a África, a saber, a ancestralidade como repetição e espectro. A ideia de ancestralidade traz em sua estrutura duas potências: algo que permite que ela sempre retorne e se repita ao longo do tempo, e a possibilidade de sempre se fazer presente. Diante disso, podemos afirmar que, na força da ancestralidade, a filosofia ubuntu e o quilombo se repetem e assombram em diáspora. Dito de outra maneira, a ancestralidade sempre aponta para um futuro, que nunca se presentifica, em termos de finalização, e traz sempre, de modos diferentes, heranças do passado que se repetirão no futuro. Nesse sentido, vive-se o presente espectralizado por uma

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Educação da UERJ/FFP

herança do passado para se guiar para o futuro. Portanto, acreditamos que a filosofia ética ubuntu e o quilombo são heranças africanas que se repetem ainda hoje pela força da ancestralidade e que se apontam para o futuro para assegurar um espírito africano.

É notório que a história do Ocidente, tal como se conhece, só foi possível com a colonização e a destruição de outras culturas. Em outras palavras, a história do Ocidente é a história de um epistemicídio em relação às culturas não-ocidentais. O epistemicídio, para o filósofo da África do Sul Mogobe Ramose (2011), é o assassinato das mais diversas maneiras de conhecimentos e modos de agir dos povos africanos colonizados, que contribuiu para a neutralização e o esquecimento de tudo aquilo que não constituía a moral cristã e razão ocidental fora da Europa. Desde as práticas e modos de vidas sociais até as ciências, religiões e artes foram neutralizadas por todas as tentativas de fazer com que os africanos, indígenas e “orientais” engolissem discursos éticos constituídos pela ética ocidental. Diante disso, para se fazer justiça, é preciso partir da ideia de que *a descolonização epistemológica para dar lugar a uma nova comunicação intercultural, a um intercâmbio de experiências e de significações, como a base de outra racionalidade que possa pretender, com legitimidade, alguma universalidade* (QUIJANO, 2006, p. 426).

É preciso reforçar, portanto, que as sociedades africanas possuíam suas próprias racionalidades, suas lógicas, suas epistemes, suas éticas, suas estéticas. Nesse sentido, é importante reforçar que:

os africanos resistiram à filosofia colonial de degradação. Eles lutaram, e continuam lutando, para afirmar seu estatuto ontológico de seres humanos, assim como qualquer outro ser que reivindique o título de ser humano. O presente ensaio é a continuação deste esforço (RAMOSE, 2011, p. 08).

## **A FILOSOFIA UBUNTU ANCESTRAL**

O filósofo Mogobe Ramose diz que palavra ubuntu é a junção entre *ubu* que remete a ideia de Ser, sendo a força vital, e *ntu*, aspectos particulares de uma existência, promovendo dois caracteres de existência, ao mesmo tempo uma existência que é anterior a ela mesma e uma existência que é posterior. Ao mesmo tempo em que ubuntu abrange uma totalidade, ele não daria conta de uma realidade total, uma vez que consideraria uma particularidade, uma singularidade de ser/existir. Nesse sentido, ubuntu seria ser/sendo. Deste modo, o caráter ontológico do ubuntu implicaria pensarmos sua atuação no campo ético, uma vez que necessita do *umuntu*, do homem, para se realizar, visto que é na relação entre *umu*, *ubu* e *ntu*, que o ubuntu projeta-se enquanto um vir a ser do homem, promovendo, assim, uma força vital de mudança e transformação da realidade. É pela violência da diáspora que podemos perceber a potência do ubuntu, que pela força da ancestralidade se repete no movimento diaspórico e se territorializa em novas terras. Assim, toda a violência colonial-escravocrata-racista não conseguiu destruir a força do ubuntu do homem africano em diáspora. Assim, o filósofo congolês Kashindi demonstra essa complexidade em termos do ôntico e ontológico,

visto que esse ôntico está sempre na busca de transformações e significados, considerando que sempre há força para a vida, é lógico falar da força vital. Como havia mencionado anteriormente, a força vital tem como objetivo fortalecer a vida, de modo que o ponto nevrálgico da articulação da existência do muntu é essa mesma força (KASHINDI, 2017, p. 10).

Mogobe Ramose defende que o ubuntu é a raiz da filosofia africana, servindo como uma base fundamental da filosofia africana, que possibilita pensar o ser e o existir do africano, e que a *existência do africano no universo é inseparavelmente ancorada sobre ubuntu (...)* *Ubuntu é, então, como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana. Se estas últimas forem as bases da filosofia, então a filosofia africana pode ser estabelecida em e através do ubuntu* (1999, p. 49-66). Reforçando a potência do ubuntu, para Ramose, o ubuntu possui em sua estrutura ontológica e semântica um contínuo vir-a-ser-endo, que se reproduz numa abertura e numa flexibilidade que se organiza a partir do equilíbrio e da harmonia entre indivíduos e natureza. O filósofo Bas'Illele Malomalo, do Congo, defende a ideia de que o ubuntu é parte da vida de todos os povos da África negra, sendo sua própria constituição antropológica, pois,

do ponto de vista filosófico e antropológico, o ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados) (MALOMALO, 2010).

O *umuntu*, o humano, o sujeito, na medida em que é um organismo vivo, que possui uma racionalidade, constituído de existência e da capacidade de reconhecer a existência de outrem, é para Ramose, um ser-endo, que persegue sua racionalidade e sua existência através do diálogo do ser-endo com o ser, sendo, portanto, um *homoloquens*, ou seja, o homem da língua. A filósofa brasileira negra Helena Theodoro, em seu livro *Mito e Espiritualidade*, explica que a pessoa humana, *muntu*, possui uma estrutura *que o faz ver a vida não apenas como move-se no espaço, mas, também, ter uma forma humana (...)* *que lhe permitem captar as ondas infinitas de energia cósmica, imerso na corrente participativa vital que o faz integrante de toda criação* (1996, p. 95). Entretanto, o *umuntu* também é o homem da política, do Estado, da religião, da lei, é o ser epistêmico e ético, que, na sua relação com o ubuntu, sua “essência”. O *umuntu* possibilita a transformação do ser, ou seja, o *ubu* enquanto um ser-endo ilimitado, anterior a qualquer forma de existência ou de uma entidade particular, é a estrutura geral que impede que o *umuntu*, o homem da lei, se feche em uma existência finita, única e imóvel. Assim, diz Kashindi, *diante do “eu”, os outros seres humanos e outros seres cósmicos constituem o “Outro”, e ambos formam o “nós” constitutivo dos seres humanos* (2017, p. 04).

Ubuntu, portanto, pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas), indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. Pois, na relação como o outro, diz Kashindi, *Estar com o Outro é perceber a interdependência que nos constitui como seres humanos. É estar consciente da força vital que possibilita a nossa permanência na vida* (2017, p. 19).

O filósofo congolês Jean-Bosco Kakozi Kashindi apresenta a dimensão do ubuntu como uma consciência africana; um espírito africano, em que na relação com a alteridade encontramos uma condição de vivermos melhor (2011), que pode ser compreendida pela máxima *Feta kgomo o tshware rotho*, do grupo shoto do norte da África do Sul, que pode ser entendido enquanto: *se e quando tiver de enfrentar uma escolha decisiva entre a riqueza e a preservação da vida de outro ser humano, deve sempre optar pela preservação da vida*. Esse ensinamento explica a filosofia ética ubuntu. Por esse motivo, Ramose explica que, a fim de preservar as comunidades que praticam o ubuntu: *as populações falantes de bantu devem permanecer abertas a cooperar com todos os seres humanos do mundo que estejam determinados a substituir o dogma mortal do fundamentalismo econômico pela lógica frutífera do -dade, preferindo a preservação da vida humana através da colaboração à busca estrita do lucro*. *Feta kgomo o tshware motho* (2010, p. 179). A ética da alteridade do ubuntu é a ética da responsabilidade, que invoca o *tshiamalenga* (a filosofia do nós), em que o nós ubuntu é a partilha, a solidariedade e o cuidado mútuo, em que o nós é anterior ao eu; isso não quer dizer que não existe identidade pessoal, autônoma e singular. Para Kashindi, é no o ato de fazer o bem que se gera mais potência e força nas relações de alteridade, é *um reconhecimento de ubuntu do doador (esse doador é o muntu) e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade para com esse doador. O ato de reconhecer e responder é, portanto, um fazer bem* (2017, p. 13). Segundo Ramose,

A noção fundamental da epistemologia e ética ubuntu é – tomando o termo emprestado de Tshiamalenga – a filosofia do “Nós”. Nos termos dessa filosofia, os princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuos, assim como da solidariedade, constituem coletivamente a ética do ubuntu (RAMOSE, 2010).

Para compreendermos a dimensão do ubuntu, é preciso saber que a noção de alteridade alarga a dimensão da herança, uma vez que é preciso reconhecer os que já se foram, os nossos ancestrais, que, ainda presentes, seguiram para o futuro. No entanto, é preciso reconhecer, também, os que ainda estão por vir, que ainda vão nascer. Diante disso, percebe-se a importância do reconhecimento das heranças e o nível da responsabilidade.

Na filosofia negro-africana, a ancestralidade é eixo do entendimento da nossa existência. É tudo aquilo que nos proporciona a vivência do nosso presente (*sasa*, em swahili) e nosso futuro (*lobi*, em lingala), tendo aqueles que pertencem ao passado (*zamani*, em swahili), os que nos antecederam, divindades, orixás e antepassados como

ponto de leitura das duas primeiras dimensões da existência (MALOMALO,2010).

O ubuntu possui uma compreensão de alteridade que não se limita ao outro igual a mim, nem mesmo apenas ao humano. Em termos de justiça, o ubuntu não procura, segundo Kashindi, que se faça justiça à vítima, mas também ao acusado, que desvirtuou, corrompeu uma ordem superior de reconciliação entre os seres, uma vez que *a pessoa que ofendeu outra pessoa, não é vista apenas como alguém que não tem "Ubuntu", mas como a pessoa que nega a outra o "Ubuntu"* (KASHINDI, 2011). Malomalo nos apresenta uma dimensão ética de alteridade, que nos faz questionar todas as áreas do saber e modos éticos herdados dos povos europeus. Nesse sentido, diz ele:

Na filosofia africana, Tshiamalenga Ntumba tem interpretado o ubuntu em termos de Bisoidade. Tal prática se caracterizaria pela abertura ao diferente, encará-lo como parte de nós. Nessa direção, o mundo da fé, das divindades, dos orixás, dos ancestrais deve dialogar com o mundo dos seres humanos e não humanos (natureza/cosmos). Esse conceito vislumbra o encontro ético e político do “Nós”. Trata-se do “nós ecológico”. Para esse filósofo congolês, a existência significa uma interação entre as três dimensões da cosmovisão africana. As crises políticas, econômicas, culturais e sociais que têm afetado o continente africano, para ele, ocorrem porque o ser humano se esqueceu de cuidar do “biso” ou do “nós ecológico” (MALOMALO, 2010).

Na filosofia ubuntu, percebemos, também, o seu aspecto temporal e espacial que problematiza a questão do tempo e do espaço, no que interfere, indiscutivelmente, no campo ético, sobretudo, em relação às heranças. Renato Noguera (2012) e Mogobe Ramose (2011) explicam que na filosofia ubuntu existem três realidades ou três dimensões temporais: o tempo da ancestralidade; o tempo dos vivos; o tempo dos que ainda estão por vir.

A prática ubuntu compreende a violência contra a natureza como uma violência contra si próprio, uma vez que a natureza seria meu outro, aquele com o qual eu me agencio para viver bem. O ubuntu, portanto, pode ser entendido como uma ecofilosofia ou uma filosofia da natureza, visto que há, na relação do humano com a natureza, uma compreensão ética e epistemológica, que busca, na natureza, uma valorização e uma preservação da vida, uma vez que a comunidade depende e vive em agenciamento com a natureza. No que tange a uma filosofia da natureza ou da ciência, o ubuntu, enquanto uma epistemologia, coloca em xeque o lugar do conhecimento em relação ao saber em termos metodológicos. A centralidade do homem em relação à natureza, é deslocada da configuração: cultura/natureza; sujeito/objeto. É, portanto, uma forte crítica ao antropoceno, que reproduz o narcisismo do homem europeu como condição de mudar e transformar a natureza. Nesse sentido, a filosofia ubuntu compreende que não existe uma natureza sozinha sem o homem, a natureza é com o homem.

Falar que existe uma primeira natureza intocada que é transformada numa segunda natureza a partir da presença e ação humanas, tornando-a, portanto, socializada. Tal

perspectiva desconsidera que existe uma produção social com a natureza de onde, supomos, precisamos compreender seus modos possíveis de relação (MORAES; BITETI, 2019).

## ANCESTRALIDADE QUILOMBOLA

Bas'Illele Malomalo (2010), aponta que nossa herança ubuntu resiste na força da ancestralidade. Nesse sentido, mesmo com a violência colonial, mesmo com o rapto de aproximadamente 4 milhões de negros, entre 1520 e 1850, essa força ancestral se repete ainda hoje e se territorializou no Brasil, na imagem do quilombo. Segundo Bas'Illele Malomalo, *falar de ubuntu no Brasil é falar de solidariedade e resistência. Como outros registros histórico-antropológicos que expressam o “ubuntu afro-brasileiro”, podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileiras, irmandades negras, movimentos negros, congadas, moçambique, imprensas negras*. Assim, foi devido à potência da ancestralidade, que elementos culturais e espirituais foram trazidos no corpo e na alma dos povos africanos no processo violento da diáspora. Mesmo que, como lembra Rafael Sanzio, geógrafo e pensador negro, os povos africanos raptados tenham-se disseminados ao longo do território do Império Português Colonial. Segundo Rafael Sanzio,

dificultar a organização, extinguir a língua de origem e impossibilitar a continuidade das culturas, ou seja, foram criados dispositivos reais para que as populações oriundas da África perdessem as suas referências identitárias e, por conseguinte, houvesse uma diluição da identidade étnica africana no Brasil (SANZIO, 2017, p. 37).

Diante disso, se consideramos que o ubuntu é o espírito do povo africano, será nas histórias das senzalas, nos modos de ser e viver dos quilombos, dos sambas, dos candomblés, dos jongos, das capoeiras e das favelas que podemos encontrar a unidade do espírito africano.

A historiadora negra Beatriz Nascimento (RATTZ, 2006) e o geógrafo negro Andreilino Campos (2012) nos trazem uma questão importante e que nos auxilia em termos de orientação para relacionar a força da ancestralidade que parte da África e se repete nos dias atuais sob o espectro do ubuntu: a relação ancestral dos quilombos com as favelas. Diante disso, é preciso deslocar certos discursos e compreensões, como é o caso do que se tornou senso comum e limitação de pensamento, achar que quilombo seria sinônimo de lugar de escravo fugido. Para Abdias Nascimento, *Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão, existência. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico* (2019, p. 291).

Mesmo diante das diversidades e singularidades de cada quilombo, sobretudo em relação às diferenças espaciais e naturais, acreditamos que há um certo espírito comum, uma ancestralidade africana no modo de ser e de viver com a comunidade e com a natureza. É preciso entender que centenas de quilombos espalhados pelo Brasil, desde o século XVI, ainda resistem às

forças do Estado e do Capital<sup>2</sup>, e que, anteriormente, os quilombos eram modelos contraescravismo, promovendo espaços de sobrevivência do povo africano raptado. Foi por meio da ancestralidade, que ainda se repete nas práticas, pensamentos e modos de ser determinantes nas formas de organização do povo africano de viver, criando espaços sociais, políticos e existenciais para resistir à violência escravocrata e ao racismo. Desta maneira, o quilombo, como uma organização, é um sistema político, que foi constituído a partir de uma força, de elementos africanos que se repetem na ancestralidade enquanto algo diferente, que se lança, enquanto um futuro nas favelas brasileiras, nos movimentos sociais.

Para Abdias Nascimento (2019), o quilombo é uma ideia-força, que será o grande ideal para as lutas dos movimentos negros contra o racismo no século XX. Portanto, os quilombos no Brasil surgiram enquanto força criadora ancestral do povo africano escravizado que, na luta pela liberdade, contra a escravização, criaram espaços de liberdade, de resistência, de existência e de luta para manter sua identidade. Segundo Abdias Nascimento,

a multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Dando a impressão de um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de um imprevisto de emergência em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista (2019, p. 251).

Edson Carneiro, em *Quilombo dos Palmares*, diz que Palmares é um Estado-Nação, um estado negro. Segundo Clóvis Moura, Palmares foi, na América Latina, a maior ação contracolonial e contra-escravocrata que já se teve em termos de luta pela liberdade, durando mais de cem anos. Sendo o quilombo um espaço constituído para a sobrevivência e existência, podemos entender o quilombo como um espaço político. Os quilombos possuíam uma estrutura de rotas de fugas e espaços móveis para se movimentar, seja para combater ou para fugir. Além disso, possuíam uma organização social de manutenção da sociedade. Os quilombos eram constituídos, em sua grande maioria, por homens e mulheres pretas, por negros e negras que estavam livres, indígenas, brancos pobres e pessoas com problemas com a lei, que buscavam, nos quilombos, acolhimento e abrigo, que eram mais acolhedores com o diferente do que o Estado-Colonial-Brasileiro-escravista.

Andrelino Campos pontua o quilombo enquanto ameaça ao Estado e aos grupos dominantes, sendo um modelo de contrapoder, para resistir à violência escravagista do Estado colonial, em nome da liberdade. A partir desses espaços que negros e negras se estabeleciam, organizando um espaço para viverem livres em sociedade, criando um modelo de comunidade baseado na solidariedade entre si e o espaço, que servia para a manutenção da vida, seja pela convivência harmoniosa ou como estratégia de guerra. Nesse sentido, a resistência, o combate, as revoltas e as revoluções promovidas por

---

<sup>2</sup> Ainda hoje, os povos originários desta terra que hoje se chama Brasil, há 500 anos ainda lutam e resistem contra as forças genocidas e opressoras da prática colonizadora.

negros e negras quilombolas que lutavam contra a escravidão e a resistência contracolonial influenciaram na abolição da escravatura. Assim, repetimos as palavras do sambista, poeta, pensador e compositor, Candeia: *foi através do Quilombo, e não do movimento abolicionista, que se desenvolveu a luta dos negros contra a escravatura* (NASCIMENTO, 2019, p. 284).

Beatriz Nascimento aponta, em diversos quilombos, algumas origens e influências africanas, marcados, caracterizados pelo patriarcado e pelo matriarcado africano, pontuando o quilombo brasileiro como de origem angolana africana, porém, sem deixar de reconhecer as diferenças e as modificações que ocorrem devido às mudanças espaciais e climáticas. O cuidado com os mais velhos é uma das características dos quilombos que se reflete na longevidade dos quilombolas, que só é possível devido ao modo de vida saudável que eles possuem. É bom destacar que, quando se fala de escravidão em Palmares, não se via o outro enquanto “propriedade”, objeto ou animal, tal como no sistema escravagista colonial. Beatriz Nascimento explica que a escravidão em Palmares se dava em período de guerra; descumprimento das regras e das leis; filhos de mãe escravizada não resgatados; “escravidão voluntária”. Segundo Clovis Moura, apesar de terem ocorrido momentos em que havia escravidão, os quilombolas pregavam a liberdade, sendo os quilombos espaços de homens livres. Diante disso, diz Clovis Moura, se houve uma democracia racial no Brasil, foi nos quilombos, uma vez que acolhiam todo o tipo de gente independente da cor e não criavam condições de submissão dependendo da cor ou da origem da pessoa. Helena Theodoro explica que foi no Quilombo dos Palmares que Zumbi *provou a possibilidade de sucesso econômico, político e social da convivência democrática entre negros, brancos e índios* (1996, p. 89). A filósofa negra Lélia Gonzales denuncia que a história não explicou, foi que:

Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido de criação de uma sociedade democrática e igualitária, em termos políticos e socioeconômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança da figura genial de Zumbi, ali existiu uma efetiva harmonia racial já que sua população, constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios reverteriam para todos, sem exceção (GONZALES, 2018, p. 37).

Por ser um lugar de acolhimento, resistência e de modo de vida econômico contracolonial, o quilombo se tornou o inimigo declarado do Estado-Colonial, sendo tratado a partir da força da lei do Império-Escravagista brasileiro. A partir desse momento, os quilombos e quilombolas passaram a ser criminalizados. De acordo com Clovis Moura, os quilombolas, depois de estabilizados em um território, procuravam estabelecer um sistema político que atendesse a todos, preocupados com a harmonia, o bem estar e a segurança, estando nas mãos dos futuros governantes a responsabilidade pela população, produzindo um modelo de administração política, que atendesse desde o cuidado com a alimentação à segurança, interna e externa. Assim, vivendo da metalurgia, o artesanato, a economia interna e externa, a agricultura, o



intercâmbio, a criação de gados, pescas, caças, plantação de cana, a produção de açúcar, de cachaça, a produção de farinha de mandioca e de azeite faziam parte de muitas estruturas de quilombos, nas quais o trabalho era exercido de acordo com o saber que cada um possuía. Em períodos em que havia excedente de produção, esta era doada ao Estado quilombola no intuito de fortalecer e enriquecer o Estado para sua manutenção e defesa. Assim, a economia agrícola dos quilombos visava à satisfação e ao bem estar da comunidade.

Nego Bispo, quilombola do Quilombo Saco-Curtume no Piauí, escritor, pensador, militante e poeta, em sua obra *Colonização e Quilombos*, compreende os quilombos como espaços contracolonizadores, entendendo que a terra é de uso de todos da comunidade, e que tudo que se produz é voltado para todas as pessoas de acordo com o que precisam. Desta maneira, promove-se uma consciência quilombola de comunidade, que visa o bem estar de todos, na sua interação com o próximo, com a natureza e com a ancestralidade, na qual não haveria uma prática individualista, e o que seria minha roça, é roça de todo mundo. Diante disso, já podemos entender a herança ubuntu se manifesta enquanto ancestralidade no quilombo. Nego Bispo mostra que o modo de viver do quilombola, como uma prática ancestral africana, pode ser orientada, pelo que acreditamos ser a ética e a filosofia ubuntu, uma vez que todos participam de uma lógica que ele denomina de biointeração, que corresponde a uma prática ética e epistemológica ancestral africana. Na medida em que tudo o que é produzido na comunidade é voltado para a comunidade, existe, além disso, uma relação com a natureza que não é da ordem do acúmulo e do desperdício. Nego Bispo nos explica que:

a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto de energia orgânica, esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia (2015, p. 85).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrarmos nosso texto, gostaríamos de reforçar que a interpretação da formação do Brasil e do povo brasileiro nega sua ancestralidade africana e indígena. Essa violência da interpretação comete um epistemicídio, devido ao racismo epistemológico que constitui as ciências dominantes. Portanto, estamos certos que uma outra interpretação para ler a história desse país, uma pensar outras formas de resistir e, até mesmo, de existir no presente e no futuro que nos resta, é considerar nossa ancestralidade africana e indígena e todas as potências de modo de ser desses povos desprezados pela história. Assim, podemos encontrar na filosofia ubuntu e na formação dos quilombos, outras possibilidades para combater o racismo e pensar uma sociedade mais justa e igualitária. Diante disso, no intuito de se

fazer justiça a anos de violência colonial racista, advogamos um reforço do ensino de cultura e história africana com uma abordagem afroperspectivista e afrocentrada, que considere a formação da população brasileira a partir das suas heranças africanas produzidas a partir da perspectiva do negro e do africano, o que implicaria uma outra história da formação do Brasil, uma outra interpretação dessa história.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Edison. **O quilombo dos Palmares**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GONZALES, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Editora Filhos da África, 2018.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. Ubuntu como crítica descolonial aos Direitos Humanos: uma visão cruzada contra o racismo. In. **Ensaio Filosófico**. Vol. XIX, 2019.

\_\_\_\_\_. Ubuntu como ética africana humanista e inclusiva. Tradução: Henrique Denis Lucas. **Cadernos IHUS Ideias**, ano: 15 – N° 254 – Vol. 15, 2017.

\_\_\_\_\_. *Ubuntu como vivencia del humanismo africano bantú*. **Devenires**. Vol. 27, 2013.

\_\_\_\_\_. *“Ubuntu” como modelo de justiça restaurativa: um aporte africano al debate sobre la igualdad y la dignidad humana*. **La ética del sur**. Bogotá: ALADAA, 2011. Disponível em: [http://ceaa.colmex.mx/aladaa/memoria\\_xiii\\_congreso\\_internacional/images/kakozzi.pdf](http://ceaa.colmex.mx/aladaa/memoria_xiii_congreso_internacional/images/kakozzi.pdf). Acesso em 03/04/2017.

MALOMALO, Bas'llele. Eu só existo porque nós existimos. In. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Tradução: Luís Marcos Sander. Vol. 340, 2010.

MORAES, Marcelo; BITETI, Mariane. Ontologia **Ubuntu**: natureza ser/com homem. Livro de atas do EIBEA, 2019.

MOURA, Clóvis. **Quilombos resistências ao escravismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10639**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

\_\_\_\_\_. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. In. **Revista da ABPN**. V. 3, n. 6, p. 147-150. nov. 2011, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade e Modernidade-Racionalidade. In. **Os conquistados: 1492, e a população indígena das Américas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Hucitec, 2006.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In **Revista Ensaios Filosóficos**. Vol. 04, 2011.

\_\_\_\_\_. Globalização e ubuntu. In. SANTOS, Boaventura; Meneses, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Tradução: Margarida Gomes. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. A importância vital do “Nós”. Tradução: Luís Marcos Sander. In. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Vol. 340, 2010.

\_\_\_\_\_. *The ethics of ubuntu*. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

SANZIO, Rafael. Territórios quilombolas: geografias, cartografias & conflitos institucionais. In. **Revista Eixo**, Brasília-DF v. 6, n. 2 (Especial), novembro de 2017.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica. sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**. Brasília, 2015.

THEODORO, Helena. **O mito e espiritualidade. Mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.